



**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
HISTÓRIA**

ANTÔNIO GABRIEL DA SILVA RIBEIRO

MEMÓRIAS EM TRÂNSITO:
Educação Patrimonial na região da Cinelândia

Rio de Janeiro
2025

ANTÔNIO GABRIEL DA SILVA RIBEIRO

MEMÓRIAS EM TRÂNSITO:

Educação Patrimonial na região da Cinelândia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Especialização em Ensino de História, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História.

Orientador(a): Dr. Paulo Vinícius Aprígio da Silva.

Rio de Janeiro

2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

R484 Ribeiro, Antônio Gabriel da Silva
Memórias em trânsito : educação patrimonial na região da
Cinelândia / Antônio Gabriel da Silva Ribeiro. – Rio de Janeiro, 2025.

35 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de
História) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa,
Extensão e Cultura.

Orientador: Paulo Vinícius Aprígio da Silva.

1. História (Ensino médio) - Estudo e ensino. 2. Memória coletiva. 3.
Educação patrimonial. 4. Cinelândia (Rio de Janeiro, RJ). I. Silva,
Paulo Vinícius Aprígio da. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 907

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

ANTÔNIO GABRIEL DA SILVA RIBEIRO

MEMÓRIAS EM TRÂNSITO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História.

Aprovado em 27 de agosto de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Vinícius Aprígio da Silva
EEH/CP2
Orientador

Prof. Dr. Leandro Clímaco Almeida de Melo Mendonça.
EEH/CP2

Prof. Dr. Paulo Antônio Barbosa
CP2/EM

Rio de Janeiro

2025

RESUMO

RIBEIRO, Antônio Gabriel da Silva. **Memórias em Trânsito:** Educação Patrimonial na região da Cinelândia. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025.

Este projeto propõe a elaboração de uma atividade didática voltada para alunos do terceiro ano do Ensino Médio, a partir da análise dos discursos inscritos na região da Cinelândia, no Centro do Rio. O produto pedagógico articula conteúdos curriculares que orbitam a discussão sobre História, memória e patrimônio. É uma atividade prática, um roteiro de visita e compreende a elaboração de um parecer de campo. O ensino e a aprendizagem através do patrimônio cultural constituem uma forma de estímulo à construção da consciência histórica dos estudantes ao mobilizar fontes diversas, explorar problemas próximos à sua realidade e instigar sua capacidade analítica. Com isso, o trabalho tem por objetivo ressaltar o patrimônio como evidência histórica, estimular a apropriação de ferramentas analíticas que interpretem fenômenos históricos e contribuir para a formação do pensamento crítico e da identidade dos alunos. A escolha da Cinelândia justifica-se por sua riqueza e complexidade enquanto lugar de disputa simbólica, em que diferentes memórias — oficiais, populares, políticas e culturais — se sobrepõem no mesmo espaço urbano.

Palavras-chave: memória; patrimônio, cinelândia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. OBJETO	10
3. PRODUTO PEDAGÓGICO	24
3.1. PRÉ-CAMPO	25
3.2. CAMPO.....	26
3.3. PÓS-CAMPO	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

1. Introdução

Dúvidas quanto ao propósito do Ensino de História nas escolas são comuns em sala de aula. Atribuir finalidade à disciplina e a expor em classe constitui-se, portanto, em desafio para o professor-historiador. É um problema resultado, em parte, da condição da verdade histórica, de natureza fluida e objetividade limitada. Se a História como “mestra da vida” é desacreditada, então, como ela pode ser mobilizada para tornar a realidade inteligível?

Para Rüsen, a História tem a função de localizar as pessoas no tempo, relacionar eventos para, posteriormente, dotá-los de sentido (RÜSEN, 2001). Sem ela, as experiências estariam atomizadas apesar da avaliação pessoal, incapaz de absorver sozinha certas distâncias históricas. Dessa forma, a História provê ao indivíduo os mecanismos de sua própria orientação, inscrevendo-o em um todo social. Contudo, para isso ser realizado, é preciso algum nível de sofisticação intelectual, algo que o senso comum não alcança espontaneamente: é necessária a ação do profissional da História.

Uma dificuldade imediata para se pôr em prática esse tipo de sugestão se dá pela dinâmica própria da aprendizagem, já que o conhecimento é construído a partir da negociação entre sujeito e objeto que se quer compreender. Sendo assim, a construção de um campo do conhecimento voltado para a pesquisa é insuficiente no caminho de constituir uma “consciência histórica”. Tal relação pode contar com um terceiro elemento que, na sala de aula, é incorporado pelo professor. A função do professor de história, portanto, seria mediar a distância entre o aluno e o conteúdo, na tentativa de desenvolver sua consciência histórica.

A atividade prática de visita ao centro da cidade, proposta neste trabalho, cumpre essa função, uma vez que, como comenta Pinto:

Várias pesquisas têm afirmado a possibilidade de desenvolvimento do pensamento histórico das crianças e dos jovens, nomeadamente pela aprendizagem de conceitos como a noção de temporalidade histórica, por meio da ação mediadora dos objetos da cultura material e do professor. Tal propósito envolve não só a compreensão de situações do passado apresentadas por especialistas, mas também que os alunos experimentem procedimentos metodológicos [...] (PINTO, 2019, p.15).

Dessa maneira, o ensino e a aprendizagem através do patrimônio cultural constituem uma forma de estímulo à construção da consciência histórica dos alunos ao mobilizar fontes diversas, explorar problemas próximos à sua realidade e instigar sua capacidade analítica.¹ Além disso, dão sentido ao patrimônio como evidência histórica, fomentando não só sua interpretação da cidade, mas também contribuindo para a progressão do pensamento crítico e a construção da identidade dos jovens.

Para melhor compreender como as memórias se cristalizam no espaço, foi necessário mobilizar, no percurso da pesquisa, o conceito de “lugar de memória” de Pierre Nora. Segundo o historiador, esse “lugar” é dotado de três sentidos: material, simbólico e funcional. Material porque ocupa a topografia urbana, simbólico porque preenchido de significado ritual, investido de aura simbólica e, por fim, funcional porque encontra utilidade prática na vida cotidiana. O lugar de memória é resultado da aceleração do tempo e da dessacralização da memória realizada pela história. Uma vez que a ruptura com o passado é cada vez mais veloz e a experiência fugaz, é preciso projetar a memória no espaço, imprimindo no cotidiano um rastro de sentido, assumido pelo lugar de memória (NORA, 1993).

Contudo, distintas memórias podem disputar um mesmo lugar. Assim, para entender seus embates, vale recorrer ao trabalho de Michel Pollack e àquilo que ele classificou como “memória subterrânea” (POLLACK, 1994, p. 3-15). Contrariando a percepção de Maurice Halbwachs, que enfatizava demasiadamente o caráter aglutinador da memória coletiva, Pollack irá destacar os conflitos sociais inscritos nessa dinâmica (HALBWACHS, 1990). Desse modo, alerta que a memória também pode servir à dominação e violência. Eventualmente, num choque, ela pode jorrar sob a superfície.

Além disso, foi de muita utilidade para este trabalho a definição de “espaço” feita por Thomas A. Tweed, professor de estudos religiosos na Universidade do Texas. Quando se pensa espaço enquanto categoria científica, é necessário maior precisão do que o uso corrente da expressão sugere, já que a palavra tem um amplo campo semântico. Primeiro, o espaço é dotado de particularidade, definido pela experiência particular das pessoas. O espaço pode ser diferenciado pela intensidade com que é considerado singular e especial. Não se trata de critérios de proximidade. Cidades

¹ PINTO, Maria Helena. Patrimônio Cultural no Ensino de História: entre teoria e prática. **Fronteiras: Revista de História**, Dourados/MS, v. 21, n. 38, p. 10 – 28, jul./dez. 2019, p.15

vizinhas podem ter menos impacto espacial que lugares distantes como Meca ou Jerusalém. Segundo, o espaço é cinético, podendo articular tempo e espaços distintos. Finalmente, ele é criado pelas pessoas, mas também as conforma (TWEED, 2011, p.116-123).

Este conceito do campo de estudos da cultura material religiosa foi de grande valor para a pesquisa, pois pôde ser articulado à concepção de lugar de Pierre Nora. Um lugar de memória tem sempre significado ritual e associa diferentes temporalidades, tecendo uma trama de sentidos distintos, muito similar à conceitualização de “espaço” feita por Tweed. Pode-se argumentar pela laicidade de muitos lugares de memória, incluindo a região da Praça Floriano. Contudo, como afirma Tweed, a fronteira entre o sagrado e o profano na vida cotidiana pode ser pouco rigorosa. Segundo ele, religiões são

confluências de fluxos culturais que intensificam felicidade e confrontam o sofrimento por esboçar em humanos [...] força para criar lares e cruzar limites [...] é sobre criar um lar e ‘encruzar’, enquanto se usa tropos, narrativas, rituais e artifícios que apelam para forças super-humanas e mapeiam o último horizonte da vida. (TWEED, 2011, p.119-120, tradução nossa).

Como se percebe, aquilo que normalmente é imaginado como relativo à religião é mais restrito do que o conjunto de fenômenos sociais que poderiam ser descritos sob a ótica desse conceito, na visão de Tweed. Nesse sentido, um aniversário ou a inauguração de uma estátua, numa festa pública, operam no campo do sagrado. Da mesma maneira, quando um templo religioso cerra suas portas em respeito ao horário comercial, ele se submete ao tempo secular. É razoável, portanto, considerar que lugares de memória podem conservar alguma dimensão mágica.

Para concluir, os artigos de Moacyr Gadotti e Maria Helena Pinto auxiliaram na contextualização do debate sobre educação, cidade e patrimônio. Uma cidade que se pretende democrática deve educar seus alunos, enquanto a escola deve fornecer as ferramentas para promover essa transformação (GADOTTI, 2006). Cidadãos plenos precisam pensar sua cidade para tornarem-se sujeitos efetivamente políticos. Assim sendo, a educação patrimonial muito tem a oferecer para a construção de conhecimento cívico e histórico, intenção que se quer alcançar com o produto pedagógico (PINTO, 2019).

Considero que este projeto é resultado de um conjunto de reflexões que exercito desde 2021, quando pude finalmente visitar o espaço público após um

longo período de isolamento ininterrupto e autoconsciência forçada. A rua, então, se tornou um veículo ímpar de promoção de sentido nas minhas inquietações cotidianas. Pensamento semelhante me direcionou, no fim da graduação, a pesquisar sobre o terremoto de Lisboa e a reconstrução da cidade durante as reformas pombalinas. A ineficiência do governo brasileiro em lidar com a pandemia choca quando comparada ao desempenho português em controlar sua própria tragédia há quase 300 anos. A frase “enterrar os mortos e cuidar dos vivos”, atribuída à Pombal, é a antítese da política de saúde que marcou o governo de Jair Bolsonaro.²

No decurso da investigação, me debrucei sobre a Praça do Comércio, que tomou uma centralidade inesperada na fundamentação explicativa do projeto. A ideia de que diferentes narrativas em disputa se cristalizam no espaço público foi elaborada também neste trabalho. O desenvolvimento de um discurso pombalino estava intimamente ligado ao terremoto de Lisboa e a reordenação da Baixa Pombalina. A reconstrução de Lisboa, portanto, foi a meta-síntese das reformas e a praça, sua expressão maior.

Enquanto construía a monografia, decidi experimentar novos caminhos profissionais, me inclinando para o Jornalismo. No processo, trabalhei durante mais de um ano com *hard news* em uma emissora de rádio na região da Cinelândia. O contato diário com o local me permitiu desenvolver uma familiaridade inédita com o espaço. Tornamo-nos íntimos, cúmplices. Conversei com os cegos devotos de Santa Luzia. Debati com seguranças sobre a qualidade dos times cariocas. Descobri, através de um taxista, que atrás de uns tapumes, ali mesmo na praça, funciona um bingo clandestino — um dos maiores da cidade, segundo ele. Já de manhã, sei que, caso sinta fome, posso contar com as esfirras vendidas por um imigrante árabe na saída do metrô. Foi ali, no mesmo ponto de táxi, que desembarquei para ouvir as impressões de Fernanda Montenegro sobre arte.³ Nesse pouco tempo descobri onde

² GARCIA, Gustavo; GOMES, Pedro Henrique; VIANA Hamanda. 'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'. **G1**. Rio de Janeiro: 28/04/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 11 de jun. 2025.

³ RIBEIRO, Antônio. Cotado ao Oscar, filme com Fernanda Montenegro é ovacionado no Rio. **Tupi.fm**. Rio de Janeiro: 22/10/24 Disponível em: <https://www.tupi.fm/entretenimento/cotado-ao-oscar-filme-com-fernanda-montenegro-e-ovacionado-no-rio/>. Acesso em: 11 de jun. 2025.

almoçar e onde, definitivamente, não almoçar. Vi comércios tradicionais sendo fechados e polos de cultura reinaugurados.⁴

Além disso, comparado à História, o Jornalismo valoriza mais a apuração *in loco* no decorrer de um processo investigativo. É lugar comum na profissão que esta abordagem é absolutamente necessária para enriquecer o levantamento de informações pelo jornalista. Mais que isso, é fundamental que o repórter sinta o *clima* do acontecimento.⁵ Essa perspectiva considera uma dimensão aurática da realidade pouco presente na História, dada a impossibilidade de usufruir materialmente do objeto de pesquisa em muitos casos neste campo do conhecimento. Portanto, inspirado no ofício do jornalista, este projeto admite um aspecto de autenticidade irreproduzível em cada momento da vida cotidiana e, nesse sentido, propõe a investigação *in loco* acreditando ser positiva para a construção de uma consciência histórica por parte dos alunos.⁶

⁴ PONTES, Fernanda. O histórico Galeto Diplomata fecha as portas no Centro do Rio. **O Globo**. Rio de Janeiro: 01/02/25. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/ancelmo-gois/post/2025/02/o-historico-galeto-diplomata-fecha-as-portas-no-centro-do-rio.ghtml>. Acesso em: 11 de jun. 2025.

⁵ LAGE, Nilson. **A Reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

⁶ RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica**. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora UnB, 2001.

2. Objeto

Memórias serpenteiam a cidade como um entroncamento de vias. A cada esquina, parque, botequim ou igreja, novas memórias são construídas e ressignificadas. Tendo sentidos diversos, elas se relacionam. Muitas vezes, pelo conflito. E isso é projetado no espaço público.

O convívio síncrono de sentidos distintos atribuídos ao passado permite que a dinâmica particular da memória se cristalice em certos logradouros. A Cinelândia é um caso exemplar: Câmara de Vereadores, Biblioteca Nacional e Theatro Municipal contornam a Praça Floriano. Há ainda, no centro da praça, um monumento que harmoniza a História do Brasil numa memória oficial. Apesar disso, nela se faz festa, samba, protesto. Eventuais furtos alertam para um outro Brasil, subsumido à concepção da Praça Floriano. O próprio nome, “Cinelândia”, que designa os arredores da praça, é resultado de um projeto alternativo, que concorre com a proposta de modernidade da Reforma Pereira Passos, marco inicial para a construção desse espaço público.

Até final do século XIX a região era conhecida como Campo da Ajuda ou Largo da Mãe do bispo, já que havia no local o Convento da Ajuda e, entre as esquinas das atuais ruas Evaristo da Veiga e Treze de Maio, morava a mãe do bispo José Castelo Branco.⁷ Depois, o local também recebeu o nome de Praça Ferreira Viana. Ao sul, de um lado, havia um caminho que levava para a igreja e a praia de Santa Luzia. Do outro, um caminho levava ao Passeio Público e à Glória. Já ao norte, corria em direção à Lapa a Rua dos Barbons, atual Evaristo da Veiga, a Rua da Guarda Velha, atual Avenida Treze de Maio, em direção à Carioca, e a Rua da Ajuda, que teve a maior parte de seu traçado substituído quando da construção da Avenida Central, atual Rio Branco. Da antiga Rua da Ajuda, hoje resta um pequeno trecho próximo à Avenida Nilo Peçanha. Havia também a Ladeira do Castelo, um dos principais acessos ao morro homônimo.

Marco histórico da fundação da cidade do Rio, a ocupação do Morro do Castelo remonta a 1567, quando Mem de Sá transferiu o núcleo urbano iniciado por Estácio de Sá na Urca, dois anos antes. No morro, foi construída a Igreja e a fortaleza de São

⁷ GERSON, Brasil. **História das Ruas do Rio**. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2013.

Sebastião do Castelo e a Igreja de Santo Inácio dos Jesuítas, berço da lenda que, por séculos, alimentou o imaginário supersticioso dos cariocas, após a governança pombalina.⁸

Figura 1 - Aquarela de Richard Bate (1775-1856). Panorama do terraço da Igreja da Glória em 1809 mostrando toda a marinha, do Passeio Público até a ponta do Calabouço



Fonte: Richard Bate, 1809. Digital Collections da Cornell University. Disponível em: <https://digital.library.cornell.edu/catalog/ss:8329926>. Da esquerda para a direita: Passeio Público, Convento da Ajuda, Morro do Castelo (ou de São Sebastião), Praia de Santa Luzia, Ponta do Calabouço.

Figura 2 - Cartograma da Febre Amarela (durante o ano de 1895) na Cidade do Rio de Janeiro

⁸ KESSEL, Carlos. Os tesouros do morro do castelo: ouro dos jesuítas no imaginário do rio de janeiro. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 2, n.2, p. 9-50, inverno, 1997. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2041/1523>. Acesso em: 28 de jul. 2025.



Fonte: Regasoli, J. C., 1896. Instituto Sanitario Federal. Library of Congress. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/g5404r.ct003654/?r=-0.547,0.049,2.093,0.88,0>.

Figura 3 - Morro do Castelo e Ladeira da Ajuda



Fonte: Augusto Malta, 1906. Coleção Gilberto Ferrez/Acervo Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/portals/#/detailpage/6840>.

A cidade foi construída a partir do Morro do Castelo, com a população descendo suas ladeiras e ocupando a planície. Seguindo o modelo português de estabelecer

acrópoles⁹, mesmo com a expansão do núcleo urbano, o morro manteve sua relevância no cotidiano dos cariocas por ser um espaço de centralização de decisões para o governo da cidade:

Espécie de guarda da cidade, o Castelo assinalava a entrada de navios. Era lá que se levantava, nos dias de sol, o balão anunciando ao povo que era meio dia, e que se localizavam o relógio da torre e o observatório astronômico (1846). De lá, também partia o aviso de que havia incêndio na cidade. Local de proteção e defesa, quando os inimigos foram os franceses. Habitação de ricos, quando o perigo passou a ser representado pelas epidemias oriundas da região pantanosa, baixa e muito quente, localizada a seus pés. Moradia de uma população pobre de cerca de cinco mil pessoas, distribuídas em mais de 400 casas, [...] o morro era um marco constante na vida cotidiana da capital do país (MOTTA, 1992, p.54-65).

O morro também abrigava chácaras, habitações populares e era cenário de práticas religiosas e de sociabilidade negra. Com isso, o Morro do Castelo se tornou um incômodo cada vez maior para as elites entre o final do século XIX e o início do Século XX, quando passou a ser associado ao atraso e à barbárie em meio à tentativa de imaginar o Centro em bases europeias. Após a construção da Avenida Central e as reformas urbanas do prefeito Pereira Passos, momento em que parte do Castelo já fora demolido, o contraste entre os edifícios recém-inaugurados na atual Cinelândia e o restante do morro tornou-se insuportável para a sensibilidade higienista e modernizante da República. A demolição final do Morro do Castelo começou em 1920 e foi concluída em 1922, durante o governo municipal de Carlos Sampaio, para ocasião dos festejos em comemoração ao centenário da Independência.

Foi durante as reformas urbanas do prefeito Pereira Passos que ocorreu a decisão de se erguer um monumento em homenagem a Floriano Peixoto na nova praça construída onde outrora havia o Largo da Ajuda. Outras transformações urbanas que caracterizam a Cinelândia até hoje foram realizadas nesse período. Por exemplo, o projeto e o início da construção de quatro grandes edifícios no desembocar da Avenida Central: Theatro Municipal e os atuais Museu Nacional de Belas Artes, Centro Cultural de Justiça Federal e Biblioteca Nacional. Acrescidos pelo Palácio Pedro Ernesto, formariam o “pentágono das artes”¹⁰.

⁹ Ou seja, estabelecendo núcleos urbanos inicialmente nas partes mais elevadas do relevo.

¹⁰ ABREU, Jonas. O Pentágono das Artes: inventando a identidade republicana no Rio de Janeiro. **Revista Ambivalências**. Sergipe, V. 3, n.6, p. 212-236, Jul-Dez2015. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Ambivalencias/article/view/3430/3935>. Acesso em: 31 de jul. 2025.

O governo do chamado Marechal de Ferro foi autoritário, nacionalista e austero, apoiado pelo jovem oficialato da Escola Militar da Praia Vermelha e de Realengo e por sócios do clube militar. Seu enterro, em 1895, foi sob forte comoção, assim como seus aniversários de morte mais imediatos. Houve, inclusive, procissões cívicas a favor de sua memória. O período posterior à sua morte, portanto, ainda presenciava o fôlego do florianismo. Seus partidários, por exemplo, integraram a oposição a Prudente de Moraes, tentando impedir sua posse, e a Rodrigues Alves, enfrentando seu governo na Revolta da Vacina e na Revolta da Escola Militar. Também participaram da revolta os positivistas que, apesar das divergências, compunham a base de apoio ao florianismo.¹¹

Outra ação fundamental do Florianismo nesse período foi a promoção de medidas para a glorificação de Floriano Peixoto. Entre elas, a edificação de monumentos em homenagem ao marechal, como este que acabou sendo erguido na atual Cinelândia, emprestando seu nome à praça, em 1910.¹² É possível dizer que tanto a estátua quanto os demais edifícios projetados nesta época estão imbuídos de uma mesma motivação de alterar arbitrariamente a configuração urbana da praça e arredores para transmitir a autoimagem das elites econômicas à época, dissimulando os legados de nossa experiência escravista colonial.¹³

Em 1903, um concurso organizado pela prefeitura escolheria um projeto para a criação do Theatro Municipal. O vencedor foi Francisco Oliveira Passos, engenheiro filho de Pereira Passos. Inspirado na Ópera de Paris, o prédio começou a ser erguido em 1905 e inaugurado em 14 de julho de 1909, em homenagem à Revolução Francesa. O teatro recebia, principalmente, companhias da Itália e da França. É possível considerá-lo um ícone da europeização da vida carioca ocorrida nesse período.

O teatro simboliza então um sonho de cidade, que via no rompimento com o passado colonial e na reconstrução do espaço a partir da adaptação de modelos estrangeiros, a única maneira de inserir-se no rol das grandes

¹¹ LEAL, Elisabeth. Ideias de Bronze: a construção do monumento a Floriano Peixoto. **Anais do XVII Encontro Regional de História** – O lugar da História. ANPUH/SPUNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004.

¹² GERSON, Brasil. **História das Ruas do Rio**. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2013

¹³ LIMA, Evelyn Furquim Werneck. Das Vanguardas à Tradição: Arquitetura, Teatro e Espaço Urbano. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p.35-36. Disponível em: <https://ia903401.us.archive.org/7/items/livrainosdomal2020/%20Evelyn%20Furquim%20Werneck%20Lima%20-%20Das%20Vanguardas%20%C3%A0%20Tradi%C3%A7%C3%A3o%20-%20arquitetura%20e%20teatro%20e%20espa%C3%A7o%20urbano.pdf>

capitais internacionais e, ao mesmo tempo, contemplar os ideais de ordem e progresso da República recém-instaurada (SIMEONE, 2002, p.67-70).

Figura 4 - Theatro Municipal



Fonte: Sem autor, sem data. RioTour. Disponível em:

https://riotur.rio/que_fazer/theatromunicipal/.¹⁴

Já o prédio onde se situa a Biblioteca Nacional foi construído entre 1905 e 1910. Parte da biblioteca integrava o acervo privado de D. João VI e veio de Portugal em 1808 junto com a corte. A biblioteca conta com cerca de 24 mil volumes de livros e 60 mil fascículos de periódicos.¹⁵ Ao seu lado, encontra-se o Centro Federal de Justiça, cujo objetivo é promover o acesso à cultura.¹⁶ Por isso, abriga exposições, peças teatrais, mostras de cinema entre outros. O espaço conta igualmente com uma biblioteca. O prédio também começou a ser construído em 1905 e já foi sede do Supremo Tribunal Federal.

Criado em 1937 via decreto por Getúlio Vargas, o Museu Nacional de Belas Artes foi instituído no prédio da Escola Nacional de Belas Artes, inaugurado em 1908 em frente à Avenida Central. Nesse momento o museu se encontra fechado para reforma.¹⁷

¹⁴ Foto de divulgação da RioTour.

¹⁵ IPHAN. Portal IPHAN: Fachada da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro (RJ), é totalmente restaurada, 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4696/fachada-da-biblioteca-nacional-no-rio-de-janeiro-rj-e-totalmente-restaurada>. Acesso em: 29 de jul. 2025.

¹⁶ CENTRO CULTURAL JUSTIÇA FEDERAL. CCJF: O CCJF. Disponível em: <https://ccjf.trf2.jus.br/sobre-o-ccjf/o-ccjf>. Acesso em: 29 de jul. 2025.

¹⁷ MINISTÉRIO DA CULTURA. GOV.BR: MNBA em obras, 2024. <https://www.gov.br/museus/pt-br/museus-ibram/mnba/assuntos/noticias/mnba-em-obras>. Acesso em: 11 de ago. 2025.

Por fim, a construção do Palácio Pedro Ernesto, prédio da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, foi proposta em 1911 — mesmo ano em que o Convento da Ajuda, que particularizava o antigo largo, foi destruído. Da mesma forma, em 1918, foi demolido o antigo imóvel que abrigava o Conselho Municipal, ao lado do convento, para dar lugar ao palácio, inaugurado cinco anos depois.¹⁸

Onde hoje está a Praça Mahatma Gandhi, havia também o Palácio Monroe, erguido em 1904 durante a Exposição Universal de Saint Louis, no Missouri, desmontado e remontado no Rio em 1905 e destruído em 1976. Os argumentos a favor de sua demolição foram os mais diversos: obras do metrô, melhora no fluxo de veículos, valor estético e paisagístico.¹⁹ O prédio sediou o Senado Federal de 1925 até a mudança da capital do Rio para Brasília. Em seu lugar, atualmente, além da praça, existe um estacionamento subterrâneo.

A maior parte dos projetos destes edifícios começou a ser desenvolvida durante o governo Pereira Passos e exprime o discurso das reformas urbanas do começo do século XX que tentava integrar o Brasil à civilização ocidental. Os elementos arquitetônicos e urbanísticos dos palácios mencionados transmitem este desejo, como também o faz o monumento em homenagem à Floriano no meio da praça. Ao articular diferentes eventos da história do Brasil, com referências ao descobrimento, às bandeiras e à Inconfidência Mineira, a obra tenta oferecer uma síntese do desenvolvimento progressivo do país em uma narrativa harmonizada que ignora conflitos e descontinuidades. Apesar das figuras patrióticas, a estátua mobiliza elementos de significado simbólico comum ao mundo ocidental, como a República, e busca inspiração em um racionalismo neoclássico tributário da Revolução Francesa.

Figura 5 – Vista aérea da Cinelândia

¹⁸ CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO. Câmara Rio: Linha do Tempo do Palácio Pedro Ernesto. Disponível em: <https://www.camara.rio/institucional/100-anos/linha-do-tempo>. Acesso em: 29 de jul. 2025.

¹⁹ BRASILIANA FOTOGRAFICA. Brasiliana Fotográfica: Série “O Rio de Janeiro desaparecido” III – O Palácio Monroe, 2016. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=6248>. Acesso em: 29 de jul.25.



Fonte: Antônio Ribeiro, 2024.

Figura 6 - Monumento em homenagem a Floriano Peixoto



Fonte: Antônio Ribeiro, 2024.

Contudo, ao longo do tempo, a memória do Florianismo na praça foi cedendo à expressão pública de outras ideologias e personagens políticos, como Getúlio Vargas e Leonel Brizola. Além disso, o projeto modernizante celebrado no discurso da praça até então, com o monumento a Floriano e as reformas urbanas de Pereira

Passos, passou a concorrer com a urbanização voltada para o consumo de massas promovida por Francisco Serrador a partir dos anos 20.

Inspirado pelo tempo que passou nos EUA, o empresário tentou criar no “circuito serrador” uma experiência de modernidade que aludisse à Broadway. No trecho onde antes estava localizado o Convento da Ajuda, Serrador construiu os cinemas Capitólio, Glória, Império e Odeon, encerrando o quarteirão e substituindo os doces portugueses do convento pelos *hot dogs* das bombonieres.²⁰ Ainda que já houvesse alguns cinemas na região, é atribuída a Francisco Serrador a responsabilidade de pensar o local a partir de uma outra modernidade, a qual incluísse diferentes segmentos sociais a partir do consumo. Dessa forma, Serrador também importou teatros, restaurantes, cafés e bares; tudo para organizar um sistema integrado de consumo. Assim, ao introduzir instituições centrais da cultura norte-americana no Brasil, a Cinelândia foi reinventada como espaço de sociabilidade e se tornou um polo irradiador de novas identidades.²¹

Portanto, o projeto da Cinelândia de Serrador, idealizado a partir do entretenimento, contrastava com a efervescência política da Praça Floriano, historicamente relevante, por, entre outros fatores, abrigar o STF e a Câmara do D. Federal. Uma das hipóteses para a demolição do Palácio Monroe inclusive diz respeito a tentativa de suprimir a memória desse espaço como um lugar de centralização de decisões formais do Estado brasileiro.

Os argumentos estéticos, arquitetônicos e urbanísticos que monopolizaram os debates a respeito da destruição serviram como uma luva para que o regime militar alcançasse este objetivo. Em despacho do ministro Armando Falcão com o presidente Geisel, datado de 12 de junho de 1974, foi colocada em pauta uma solicitação do senador Paulo Torres no sentido da preservação do Palácio Monroe. Para o parlamentar, a representação do Senado do Monroe era um ponto de encontro dos senadores quando se deslocam para a Guanabara e os parlamentares “ficariam tristes se o prédio desaparecesse”. O ponto de vista do governo federal, expresso através dos argumentos de Armando Falcão, era que seria do agrado oficial “a transferência para Brasília do núcleo daquela casa do parlamento que ainda funciona no antigo Palácio Monroe, no Rio[...]” (DE ALVARENGA, 2019, p. 146-169).

Além disso, a praça se constituiu em um polo irradiador de expressões políticas populares. A Cinelândia, por exemplo, foi cenário privilegiado de comoção pública

²⁰ CACHORRO-QUENTE. Intérprete: Lamartine Babo. Compositor: A. Barroso e L. Babo. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/lamartine-babo/840752/>. Acesso em: 20 de fev. 2024.

²¹ ABREU, Jonas. A Hegemonia do Cinema Americano e a Construção da Identidade da Cinelândia. **Revista Ciência (In) Cena**. Salvador, v.1, n. 5, p.51-72, 2017.

quando do suicídio de Getúlio Vargas. Poucas horas após o anúncio de sua morte, foi colocado um busto do falecido presidente sobre um vaso ornamental no centro da praça. O monumento anônimo erguido em solidariedade a Vargas reforçou, com a espontaneidade do gesto, a imagem de Getúlio como um líder orgânico das massas. Logo, o busto se tornou um espaço de reunião política a favor do legado varguista, inclusive sendo apropriado para promoção eleitoral de políticos ligados ao trabalhismo.

Em 28 de agosto de 1961, por exemplo, a Cinelândia presidiu um grande comício legalista, em defesa da posse de João Goulart. Já em 23 de agosto de 1963, as homenagens a Vargas compartilharam seu protagonismo com a defesa das Reformas de Base. Depois do Golpe civil-militar de 64, os encontros ao redor do busto foram mais intensamente ressignificados. Reforçava-se o caráter anticomunista do governo Vargas, seu autoritarismo e religiosidade. Entretanto, para isso, precisavam estar despidas de qualquer crítica explícita ao atual regime, num misto de cooptação e consentimento.²² Já nos anos 80, com a redemocratização, o busto passou a ser disputado pelo PTB de Ivete Vargas e pelo PDT de Leonel Brizola. Os militantes do PDT reforçaram essa associação quando convertem a praça em sua “Brizolândia”.²³

Os arredores da Praça Floriano abrigaram algumas das mais expressivas manifestações do país, como a passeata dos cem mil, que arrastou cerca de cem mil pessoas para a Cinelândia em 26 de junho de 1968, dentre elas, estudantes, intelectuais, artistas e religiosos. O objetivo era protestar contra a ditadura militar, particularmente movidos pelos últimos casos de violência àquela altura perpetrados pelo Estado, como o assassinato do estudante secundarista Edson Luís, carregado dramaticamente por estudantes, do restaurante calabouço, onde fora assassinado, até as escadarias do Palácio Pedro Ernesto, na Cinelândia.²⁴

Figura 7 - Passeata dos Cem Mil, Cinelândia, Rio de Janeiro

²² CORREA, Paulo. O Busto de Bronze de Getúlio Vargas: memória e política em praça pública. **Mosaico**, V. 13, n. 20, 2021, p. 473-503.

²³ Ibid.

²⁴ A PASSEATA dos Cem Mil. Direção de Abelardo Walsh e Thiago Oliveira. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (29 min.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=90Ylj-RE7ZU>. Acesso em: 01 de ago. 2025.



Fonte: Evandro Teixeira, 1968. Acervo IMS

Outro momento de grande destaque da vida política do país que teve palco na Cinelândia foi a campanha das “Diretas Já”. Embora a principal manifestação do movimento tenha ocorrido na Av. Presidente Vargas em 10 abril de 1984, houve ações na Cinelândia.²⁵ Um documento do SNI atesta uma prospecção de panfletos contra as eleições indiretas ainda em outubro de 1978.²⁶ Também durante a Ditadura, a região recebeu protestos a favor da Anistia e em solidariedade aos grevistas do ABC.²⁷

Mais recentemente, em outubro de 2013, professores aproveitaram o embalo das Jornadas de Junho para protestar a favor de melhores condições de trabalho. Ao

²⁵ CAMPANHA pró-diretas, Cinelândia RJ. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.CCC.84010459 (Arquivo Nacional). 23/3/1984. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/ccc/84010459/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_ccc_84010459_d0002de0002.pdf. Acesso em: 31 de jul. 2025.

²⁶ MANIFESTAÇÃO contra a eleição indireta, Cinelândia RJ. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.78114681. (Arquivo Nacional). 16/10/1978. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/78114681/BR_DFA_NBSB_V8_MIC_GNC_AAA_78114681_d0001de0001.pdf. Acesso em: 31 de jul. 2025.

²⁷ MANIFESTAÇÃO na Cinelândia, dia nacional de luta pela anistia. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.CCC.79001153. (Arquivo Nacional). 15/8/1979 Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/CCC/79001153/BR_DFA_NBSB_V8_MIC_GNC_CCC_79001153_d0001de0001.pdf. Acesso em: 31 de jul. 2025.

MANIFESTAÇÃO PÚBLICA DE APOIO AOS SINDICALISTAS DO ABC, NA CINELÂNDIA, 13 FEV 81. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.CCC.81004361. (Arquivo Nacional). 18/2/1981. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/ccc/81004361/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_ccc_81004361_d0001de0001.pdf. Acesso em: 31 de jul. 2025.

anoitecer, a praça se transformou em cenário de guerra, inclusive com tiros sendo disparados.²⁸

Em 2018, há um novo afluxo de significação política da praça com o assassinato da vereadora Marielle Franco. A praça já era, portanto, um reduto de manifestações políticas de esquerda e a vereadora trabalhava na Câmara. Quando Marielle foi assassinada, imediatamente houve uma grande comoção. Em parte, pela brutalidade do crime, que chocou o Brasil. Por outro lado, pela trajetória política e biográfica da vereadora: mulher pobre, preta, LGBTQIAPN+, que encampava essas pautas e, com todo sucesso e visibilidade pública, ainda assim, foi assassinada. Marielle se tornou um símbolo e sua memória foi disputada no centro do Rio de Janeiro, sobretudo na Cinelândia. A arte urbana abraçou o símbolo Marielle e celebrou seu nome. Uma das intervenções artísticas mais famosas da história política recente do Brasil ocorreu na praça e envolve o nome de Marielle Franco.²⁹

Em resumo, colaram um adesivo sobre a placa que intitulava o logradouro como Praça Floriano, substituindo seu nome para Rua Marielle Franco. O adesivo era uma reprodução da arte oficial que utilizam para confecção de placas de rua na cidade. O gesto singelo, quase tímido, revoltou a extrema-direita, a essa altura já emergente no país. O candidato a deputado estadual Rodrigo Amorim e o candidato a deputado federal Daniel Silveira arrancaram a placa e posteriormente a exibiram destruída num comício em Petrópolis, junto ao candidato a governador Wilson Witzel. A repercussão foi grande e obrigou os candidatos a se justificarem.³⁰

Em 2021 foi inaugurada a placa em homenagem a Marielle Franco em frente à Câmara, onde, originalmente, ocorrera a intervenção artística.³¹ Bem como se sucedeu com o busto de Vargas, a placa de Marielle surgiu de uma ação popular

²⁸ BRAGA, Elcio. Cinelândia, praça de guerra. Youtube, 19 de outubro de 2013. 4 min25s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Km7ZrUjV7Lc>. Acesso em: 11 de ago. 2025.

²⁹ COSTA, Isadora de Mélo; BARROS, Raphael Garcia Pinto. Arte Urbana e Reivindicação Política: a Cinelândia como palco da memória acerca da personagem histórica Marielle Franco. **Revista Faces de Clio**, Juiz de Fora, v.7, n. 13, p. 230-250, jan./jul., 2021.

³⁰ É #FATO que deputados eleitos pelo PSL quebraram placa com nome de Marielle Franco em comício de Wilson Witzel. **O Globo**. Rio de Janeiro: 08/10/2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/fato-ou-fake/e-fato-que-deputados-eleitos-pelo-psl-quebraram-placa-com-nome-de-marielle-franco-em-comicio-de-wilson-witzel-23140096>. Acesso em: 19 de fev. 2024.

³¹ Prefeitura inaugura placa em homenagem a Marielle Franco nos três anos de sua morte. **Rio Prefeitura**. Rio de Janeiro: 14/03/2021. Disponível em: <https://prefeitura.rio/cidade/prefeitura-inaugura-placa-na-cinelandia-em-homenagem-a-marielle-franco-nos-tres-anos-de-sua-morte/#:~:text=%2DA-.Prefeitura%20inaugura%20placa%20em%20homenagem%20a%20Marielle,tr%C3%AAs%20anos%20de%20sua%20morte&text=O%20prefeito%20do%20Rio%2C%20Eduardo.em%20homenagem%20a%20Marielle%20Franco>. Acesso em: 19 de fev. 2024.

espontânea, tensionando o debate público para, finalmente, ser respaldada pelo Estado. Pode ser mesmo comparada à trajetória da própria vereadora que concretizou sua luta nas fronteiras do Brasil oficial.

Figura 8 - Placa em homenagem à vereadora Marielle Franco



Fonte: Antônio Ribeiro, 2022.

Além disso, a praça também é um espaço de expressão cultural por excelência, não só por absorver intervenções artísticas pontuais movidas por motivações políticas, mas por ser um local tradicional de celebração da cultura popular, como do maior festejo da cidade: o carnaval. Todo ano diversos foliões comemoram no logradouro, que já recebeu o Desfile das Escolas de Samba em mais de uma ocasião e o bloco de rua mais antigo em atividade, o Cordão da Bola Preta. Mesmo em 2022, quando a prefeitura adiou o Carnaval, em função da pandemia, a Cinelândia foi um dos maiores pontos de encontro dos blocos não oficiais — que aconteciam, apesar da insegurança sanitária e policial.

Desse modo, a Cinelândia se constitui como um espaço profundo de disputa de memória, no qual o discurso oficial concorre com um Brasil subterrâneo. A formalidade do pentágono das artes convive com a coloquialidade dos bares e restaurantes. Durante o carnaval, os foliões tomam de assalto a praça, afrontando o projeto modernizador do Florianismo. Existe, ainda, uma outra modernidade na praça, concebida para a cultura de consumo e que eventualmente é celebrada nos festivais

de cinema sediados no Odeon. Há, entre o oficialismo da Praça Floriano e a fanfarra do Amarelinho, a esquina que indica a encruzilhada: Praça Floriano, Rua Marielle Franco.

3. Produto Pedagógico

Assim, considerando a condição privilegiada da Cinelândia como espaço de disputa de memória, propõe-se um produto pedagógico que articule conteúdos curriculares que orbitam a discussão sobre este objeto no âmbito da Educação Patrimonial. Pois, a partir da análise das fontes do patrimônio local, os alunos poderão experienciar “oportunidades de exploração de questões acerca de identidades múltiplas – permitindo que as narrativas dominantes ou alternativas possam ser verificadas, validadas ou refutadas, promovendo uma consciência mais sofisticada do passado” (PINTO, 2019, p. 23). É uma atividade prática, um roteiro de visita e compreende a elaboração de um parecer para posterior trabalho em grupo a ser avaliado.

A atividade é pensada para turmas de terceira série do Ensino Médio com 35 alunos da rede privada do Rio de Janeiro, adolescentes entre 16 e 18 anos, de classe média e moradores da Zona Norte da cidade. Os conceitos de consciência histórica, patrimônio e memória, bem como seus derivados lugar de memória e memória subterrânea, serão trabalhados durante a atividade. As bases são as obras de Rüsen (RÜSEN, 2001), Choay (CHOAY, 2014), Halbwachs (HALBWACHS, 1990), Pollack (POLLACK, 1989) e Nora (NORA, 1993). Contudo, será evitada a menção a esses autores durante a atividade para não cansar desnecessariamente a turma com uma lista de nomes de especialistas do campo da História. Isso mais atrapalha do que ajuda em uma atividade didática voltada para a Educação Básica. Também serão discutidos conteúdos factuais como Nova República, Redemocratização, Ditadura Militar, Era Vargas e reformas urbanas na cidade do Rio, com destaque para a Reforma Pereira Passos. A atividade será realizada apenas no quarto bimestre, altura em que esses temas já foram trabalhados com os alunos. Para fins de organização, a atividade será dividida em três momentos: pré-campo, campo e pós-campo.

3.1. Pré-campo

Na primeira fase, antes da saída, os alunos deverão realizar uma pesquisa de grupo sobre a evolução urbana da região central da cidade durante, principalmente, o século XX. Para isso, eles poderão utilizar os arquivos digitais da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, da Brasileira Fotográfica, do Imagine Rio e do Rio Patrimônio da Humanidade. No site da Hemeroteca, os alunos têm à sua disposição uma quantidade incrível de periódicos e publicações seriadas. Eles podem estabelecer um filtro de pesquisa por um período, periódico específico ou palavra chave.³² Também articulada à Biblioteca Nacional, além do IMS, a Brasileira Fotográfica tem em seu acervo muitas fotografias da Zona Central da cidade, normalmente acompanhadas de textos de apoio que ajudam a contextualizar o material.³³ O imagine Rio é um atlas digital pesquisável que ilustra a evolução social e urbana do Rio de Janeiro ao longo da história.³⁴ Manipulando a linha do tempo, o estudante consegue observar as mudanças no traçado urbano da cidade. Além disso, é possível explorar dentro do site por mapas, plantas, fotografias e pinturas. Por fim, no site Rio Patrimônio da Humanidade é possível acessar um mapa que sistematiza os patrimônios da cidade, contextualizando sua história e apontando para os entes federativos responsáveis.³⁵

Haverá uma apresentação dessas bases em sala de aula para familiarizar os alunos. Durante a mesma aula, ocorrerá uma exposição didática sobre a História do Rio de Janeiro, utilizando as bases e os conceitos mencionados. Não há uma bibliografia específica a ser seguida, eles podem mobilizar qualquer material desde que acompanhado da respectiva referência bibliográfica.

A pesquisa conduzida pelos alunos deve culminar em um relatório desenvolvido em grupo e apresentado em formato A4 sobre as transformações urbanas no Centro da Cidade. Os alunos devem escolher algum aspecto específico dessas transformações e articulá-lo em uma a duas páginas. O trabalho deverá mobilizar pelo

³² BIBLIOTECA NACIONAL. BN digital: Hemeroteca Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 12 de ago. 2025.

³³ BRASILIANA FOTOGRAFICA. Brasileira Fotográfica: Página inicial. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/>. Acesso em: 12 de ago. 2025.

³⁴ IMAGINERIO. Imaginerio: Início. Disponível em: <https://imaginerio.org/pt>. Acesso em: 12 de ago. 2025.

³⁵ INSTITUTO RIO PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE. Data Rio: Mapa da Proteção. Disponível em: <https://www.data.rio/apps/PCRJ::patrim%C3%B4nio-cultural-carioca/explore>. Acesso em: 12 de ago. 2025.

menos um dos três conceitos referidos e utilizar uma das bases indicadas. O intuito é que eles relembrem esses conteúdos trabalhados parcialmente de forma fragmentária ao longo do ano e apliquem eles em uma situação concreta, já se preparando para a saída de campo.

3.2. Campo

No dia da atividade no Centro, os estudantes serão orientados a chegar na escola com 30 minutos de antecedência do horário de saída, programado para as oito horas com previsão de chegada às nove horas da manhã na Cinelândia. Será necessário um transporte para a turma, que será financiado pelos responsáveis. Durante a visita, os alunos deverão observar a Praça Floriano e seus arredores, tomando nota de diversos aspectos, como monumentos, edifícios, estabelecimentos e pessoas que frequentam aquele espaço. Deve-se procurar elementos que confirmem os discursos expressos pelo logradouro.

Figura 9 - Roteiro de visita: Pontos de interesse para a saída de campo na região da Cinelândia



Fonte: OpenStreetMap, 2025. Disponível em:

<https://wikimap.toolforge.org/?wp=false&cluster=false&zoom=16&lat=-22.911264&lon=-043.175625>.

Acesso em: 12 de ago. 2025.

O ponto de partida da atividade será o Monumento em Homenagem a Floriano Peixoto, tomado como símbolo do oficialismo da praça que carrega seu nome (ponto vermelho). Depois, o Theatro Municipal, que expõe didaticamente a autoimagem europeia que a elite carioca tentava projetar no espaço público (ponto azul). De lá passaremos pela Biblioteca Nacional, pela Banca do André e pelo Centro Federal de Justiça (pontos laranja, cinza e preto, respectivamente). Haverá um comentário rápido sobre os três, destacando a especificidade da banca como espaço de promoção de cultura popular em um local inicialmente pensado para socialização exclusiva da elite. Em frente ao Odeon, faremos menção ao vazio da Praça Mahatma Gandhi, onde outrora havia o Palácio Monroe, para posteriormente comentarmos sobre o projeto de uma espécie de Broadway brasileira desenvolvida pelo empresário Francisco Serrador para a Cinelândia (pontos verde e branco, respectivamente). A caminho do Palácio Pedro Ernesto, passaremos pelo Cine Pathé, agora uma igreja universal e

pelo Amarelinho (pontos rosa e amarelo, respectivamente). Ambos serão debatidos como espaços de sociabilidade reimaginados ao longo do tempo por grupos distintos. A Câmara dos Vereadores será nossa penúltima parada, onde, ao contrário das demais, ingressaremos para analisar o interior do edifício (ponto roxo). O Palácio Pedro Ernesto permite visitas guiadas desde que comunicadas à administração do prédio e agendadas com a devida antecedência.

A câmara é uma ótima chance de os alunos conhecerem os espaços de decisão política da cidade e se verem como participantes desse processo. O palácio também contém réplicas de pinturas famosas com grande aproveitamento pedagógico. São pinturas que costumam figurar nos livros didáticos como a Batalha Naval do Riachuelo e a Batalha de Avaí, ambas sobre a Guerra do Paraguai. O edifício também guarda um retrato do Duque de Caxias e um de Tiradentes, além do painel Fundação da Cidade do Rio de Janeiro, pintado por Rodolpho Amoedo na parede do plenário.

Após a visita à Câmara nós retornaremos para a praça com vista para o Monumento em Homenagem a Floriano Peixoto e à placa em homenagem à vereadora Marielle Franco, onde faremos uma síntese das discussões realizadas e dos motivos da atividade proposta. A saída do centro está marcada para meio-dia. A dinâmica conflituosa dos elementos do logradouro será apontada e discutida durante todo o trajeto.

3.3. Pós-campo

De volta a suas casas, os alunos deverão, a partir das informações descobertas sobre os monumentos e instituições trabalhadas durante a visita, produzir um parecer sobre os discursos da praça. Esses pareceres, curtos, de 25 a 30 linhas e redigidos em grupo, serão entregues junto de imagens feitas pelos alunos durante o passeio. Eles devem ser apresentados em formato A4 com cabeçalho completo. Esse material será exibido em sala, ocasião em que teremos uma última conversa sobre o assunto.

Os critérios de avaliação dos pareceres são: a formalidade do trabalho, ou seja, se foi apresentado corretamente em formato A4 e com cabeçalho completo, a verificabilidade dos elementos materiais da praça mobilizados pelo parecer e a

coerência da visão acerca da praça estabelecida pelo parecer quando comparada aos elementos materiais referidos no documento.

Os recursos didáticos utilizados na elaboração desse produto pedagógico serão o papel e a caneta que os alunos levarão consigo e os elementos já dispostos na rua, materiais ou não, podendo ser eles estátuas, edifícios, bancas, restaurantes ou até mesmo manifestações culturais ou expressões artísticas espontâneas.

Quanto à segurança, o espaço é público e muito movimentado. A dose de imprevisibilidade é alta. Por isso, será destacada uma equipe maior e mais atenta de professores e outros funcionários do colégio para acompanhar os adolescentes.

A atividade tem por objetivo ressaltar o patrimônio como evidência histórica, estimular a apropriação de ferramentas analíticas que interpretem fenômenos históricos e contribuir para a formação do pensamento crítico e da identidade dos alunos.

4. Considerações Finais

Este projeto propõe a elaboração de uma atividade didática voltada para alunos do terceiro ano do Ensino Médio, a partir da análise dos discursos presentes na região da Cinelândia, no Centro do Rio. O produto pedagógico consiste em um roteiro de visita que articula conteúdos curriculares sobre memória, patrimônio e história do Rio de Janeiro. Ele inclui a elaboração de uma pesquisa prévia e um parecer posterior à visita, ambos desenvolvidos em grupo. O objetivo da atividade é ressaltar o patrimônio como evidência histórica, estimular a apropriação de ferramentas analíticas que interpretem fenômenos históricos e contribuir para a formação do pensamento crítico e da identidade dos alunos.

A escolha da Cinelândia se justifica pela riqueza e complexidade do logradouro enquanto espaço de disputa simbólica, em que diferentes memórias se sobrepõem. Exemplo dessa transformação é o esvaziamento político-institucional da Cinelândia e sua apropriação no campo das disputas políticas simbólicas: de espaço de expressão da memória oficial, os arredores da Praça Floriano se tornaram um local de celebração da cultura popular. Entre permanências e rupturas é possível verificar a coexistência de narrativas de sentido distinto em pleno combate na Cinelândia.

O contato dos estudantes com o Centro do Rio de Janeiro os aproxima da história e da cultura da cidade, estimulando a reflexão sobre narrativas construídas e contradições no espaço urbano. Assim, o trabalho busca contribuir para o desenvolvimento de habilidades analíticas, sensibilidades históricas e a formação de uma consciência mais crítica e participativa. A consciência histórica opera dentro de uma perspectiva de preservação de identidade. Nesse sentido, é papel da ciência Histórica e, conseqüentemente, do Ensino de História, municiar estudantes de Educação Básica com instrumentos para se localizarem em meio à contingência e o dever do tempo, função compartilhada pela Educação Patrimonial.

Referências

- ABREU, Jonas. A Hegemonia do Cinema Americano e a Construção da Identidade da Cinelândia. **Revista Ciência (In) Cena**. Salvador, v.1, n. 5, p.51-72, 2017.
- ABREU, Jonas. O Pentágono das Artes: inventando a identidade republicana no Rio de Janeiro. **Revista Ambivalências**. Sergipe, V. 3, n.6, p. 212-236, Jul-Dez2015. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Ambivalencias/article/view/3430/3935>. Acesso em: 31 de jul. 2025.
- A PASSEATA dos Cem Mil. **Direção de Abelardo Walsh e Thiago Oliveira**. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (29 min.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=90Ylj-RE7ZU>. Acesso em: 01 de ago. 2025.
- BARROSO, Ary [Compositor]; BABO, Lamartine [Compositor e intérprete]. **Cachorro-quente**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/lamartine-babo/840752/>. Acesso em: 20 de fev. 2024.
- BIBLIOTECA NACIONAL. **BN digital**: Hemeroteca Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 12 de ago. 2025.
- BRAGA, Elcio. **Cinelândia, praça de guerra**. Youtube, 19 de outubro de 2013. 4 min25s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Km7ZrUIV7Lc>. Acesso em: 11 de ago. 2025.
- BRASILIANA FOTOGRAFICA. **Brasiliana Fotográfica**: Página inicial. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/>. Acesso em: 12 de ago. 2025.
- CAIMI, Flávia. O que precisa saber um professor de História? **História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 105-124, jul./dez. 2015.
- CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO. **Câmara Rio**: Linha do Tempo do Palácio Pedro Ernesto. Disponível em: <https://www.camara.rio/institucional/100-anos/linha-do-tempo>. Acesso em: 29 de jul. 2025.
- CAMPANHA pró-diretas, Cinelândia RJ. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.CCC.84010459 (Arquivo Nacional). 23/3/1984. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/ccc/84010459/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_ccc_84010459_d0002de0002.pdf. Acesso em: 31 de jul. 2025.
- CARVALHO, José Murilo. **A Formação das Almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CENTRO CULTURAL JUSTIÇA FEDERAL. **CCJF**: O CCJF. Disponível em: <https://ccjf.trf2.jus.br/sobre-o-ccjf/o-ccjf>. Acesso em: 29 de jul. 2025.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Lisboa: Edições 70, 2014. Disponível em: <https://archive.org/details/alegoria-do-patrimonio-francois-choay/page/n3/mode/2up?view=theater>. Acesso em: 12 de ago. 2025.

CORREA, Paulo. O Busto de Bronze de Getúlio Vargas: memória e política em praça pública. **Mosaico**, V. 13, n. 20, 2021, p. 473-503.

COSTA, Isadora de Mélo; BARROS, Raphael Garcia Pinto. Arte Urbana e Reivindicação Política: a Cinelândia como palco da memória acerca da personagem histórica Marielle Franco. **Revista Faces de Clio**, Juiz de Fora, v.7, n. 13, p. 230-250, jan./jul., 2021.

DE ALVARENGA, Daniel Levy. O Palácio Monroe e as Trincheiras da Memória. **Bilros**, Fortaleza, v. 7, n. 14, p. 146-169, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/bilros/article/view/7717/6486>. Acesso em: 29 de jul. 2025.

É #FATO que deputados eleitos pelo PSL quebraram placa com nome de Marielle Franco em comício de Wilson Witzel. **O Globo**. Rio de Janeiro: 08/10/2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/fato-ou-fake/e-fato-que-deputados-eleitos-pelo-psl-quebraram-placa-com-nome-de-marielle-franco-em-comicio-de-wilson-witzel-23140096>. Acesso em: 19 de fev. 2024.

GADOTTI, Moacir. A escola na cidade que educa. **Cadernos CENPEC**, São Paulo/SP, v. 1, n. 1, 2006.

GARCIA, Gustavo; GOMES, Pedro Henrique; VIANA Hamanda. 'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'. **G1**. Rio de Janeiro: 28/04/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 11 de jun. 2025.

GERSON, Brasil. **História das Ruas do Rio**. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA., 1990.

IMAGINERIO. **Imaginerio**: Início. Disponível em: <https://imaginerio.org/pt>. Acesso em: 12 de ago. 2025.

INSTITUTO RIO PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE. **Data Rio**: Mapa da Proteção. Disponível em: <https://www.data.rio/apps/PCRJ::patrim%C3%B4nio-cultural-carioca/explore>. Acesso em: 12 de ago. 2025.

IPHAN. **Portal IPHAN**: Fachada da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro (RJ), é totalmente restaurada, 2018. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4696/fachada-da-biblioteca-nacional-no-rio-de-janeiro-rj-e-totalmente-restaurada>. Acesso em: 29 de jul. 2025.

KESSEL, Carlos. Os tesouros do morro do castelo: ouro dos jesuítas no imaginário do rio de janeiro. **Revista de História Regional, Ponta Grossa**, v. 2, n.2, p. 9-50, inverno, 1997. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2041/1523>. Acesso em: 28 de jul. 2025.

LAGE, Nilson. **A Reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

LEAL, Elisabeth. Ideias de Bronze: a construção do monumento a Floriano Peixoto. **Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História**. ANPUH/SPUNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004.

LEOCÁDIO, Francisco. **O Teatro Municipal do Rio de Janeiro e o novo centro moderno da capital federal no início do século XX**. In: LIMA, Evelyn Furquim Werneck; DRAGO, Niuxa Dias; LEOCÁDIO, Francisco. *Arquitetura teatral do renascimento ao século XXI*. Rio de Janeiro: UNIRIO/PROExC, 2017, p. 55-58.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck. **Das Vanguardas à Tradição**: Arquitetura, Teatro e Espaço Urbano. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p.35-36. Disponível em: <https://ia903401.us.archive.org/7/items/livrainosdomal2020/%20Evelyn%20Furquim%20Werneck%20Lima%20-%20Das%20Vanguardas%20%C3%A0%20Tradi%C3%A7%C3%A3o%20-%20arquitetura%20e%20teatro%20e%20espa%C3%A7o%20urbano.pdf>

MACIEL, Laura Antunes. Imprensa, esfera pública e memória operária – Rio de Janeiro (1880-1920). **Revista de História**, São Paulo/SP, n. 175, p. 415-448, jul./dez. 2016.

MANIFESTAÇÃO contra a eleição indireta, Cinelândia RJ. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.78114681. (Arquivo Nacional). 16/10/1978. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/78114681/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_78114681_d0001de0001.pdf. Acesso em: 31 de jul. 2025.

MANIFESTAÇÃO na Cinelândia, dia nacional de luta pela anistia. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.CCC.79001153. (Arquivo Nacional). 15/8/1979 Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/CCC/79001153/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_CCC_79001153_d0001de0001.pdf. Acesso em: 31 de jul. 2025.

MANIFESTAÇÃO PÚBLICA DE APOIO AOS SINDICALISTAS DO ABC, NA CINELÂNDIA, 13 FEV 81. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.CCC.81004361. (Arquivo Nacional). 18/2/1981. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/ccc/81004361

/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_ccc_81004361_d0001de0001.pdf. Acesso em: 31 de jul. 2025.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **GOV.BR**: MNBA em obras, 2024.
<https://www.gov.br/museus/pt-br/museus-ibram/mnba/assuntos/noticias/mnba-em-obras>. Acesso em: 11 de ago. 2025.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa e PENNA, Fernando Araújo. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira **Educação & Realidade**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 191-211, jan/abr, 2011.

MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos**: a questão nacional no centenário da independência. Rio de Janeiro: Editora FGV: CPDOC, 1992, p. 54-65. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/a15eda2c-ef71-4dc3-b180-0cf33fb3a84b>

NORA, Pierre. **Entre memórias e história**: a problemática dos lugares. São Paulo: Projeto História, 1993.

PAIXÃO, Cláudia Miriam. **O Rio de Janeiro e o Morro do Castelo**: populares, estratégias de vida e hierarquias sociais (1904-1922). 2008. 224f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008. Disponível em:
https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2008_PAIXAO_Claudia_Miriam_Quelhas-S.pdf. Acesso em: 31 de jul. 2025.

PREFEITURA inaugura placa em homenagem a Marielle Franco nos três anos de sua morte. **Rio Prefeitura**. Rio de Janeiro: 14/03/2021. Disponível em:
<https://prefeitura.rio/cidade/prefeitura-inaugura-placa-na-cinelandia-em-homenagem-a-marielle-franco-nos-tres-anos-de-sua-morte/#:~:text=%2DA-,Prefeitura%20inaugura%20placa%20em%20homenagem%20a%20Marielle,tr%C3%AAAs%20anos%20de%20sua%20morte&text=O%20prefeito%20do%20Rio%2C%20Eduardo,em%20homenagem%20a%20Marielle%20Franco>. Acesso em: 19 de fev. 2024.

PINTO, Maria Helena. Patrimônio Cultural no Ensino de História: entre teoria e prática. Fronteiras: **Revista de História**, Dourados/MS, v. 21, n. 38, p. 10–28, jul./dez. 2019.

POLLACK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2. n. 1, p. 03-15, 1989.

PONTES, Fernanda. O histórico Galeto Diplomata fecha as portas no Centro do Rio. **O Globo**. Rio de Janeiro: 01/02/25. Disponível em:
<https://oglobo.globo.com/blogs/ancelmo-gois/post/2025/02/o-historico-galeto-diplomata-fecha-as-portas-no-centro-do-rio.ghtml>. Acesso em: 11 de jun. 2025.

RIBEIRO, Antônio. Cotado ao Oscar, filme com Fernanda Montenegro é ovacionado no Rio. **Tupi.fm**. Rio de Janeiro: 22/10/24 Disponível em:
<https://www.tupi.fm/entretenimento/cotado-ao-oscar-filme-com-fernanda-montenegro-e-ovacionado-no-rio/>. Acesso em: 11 de jun. 2025.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica**. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora UnB, 2001.

SIMEONE, Adriana. Teatro Municipal do Rio de Janeiro: uma leitura representativa da cidade. **Proceedings of the 6th Iberoamerican Congress of Digital Graphics**, Caracas, 27-29 de novembro de 2002, p. 67-70. Disponível em: <https://itc.scix.net/pdfs/908f.content.pdf>.

TWEED, Thomas A. Space. **Material Religion**, Austin, v. 7, n.1, p. 116-123, 2011.